

Revolta contra a Unir sobe de tom a sul do Douro

written by Maria Paulo | 2 de Dezembro, 2024



Uma mão cheia de palavras bonitas e de números gordos prometia, há precisamente um ano, uma rede de transportes públicos na Área Metropolitana do Porto “**repensada para facilitar a sua vida**”, com uma oferta de 439 linhas e de 672 autocarros para servir 17 municípios que, “**agora, estavam mais unidos e ligados de uma forma única**”.

Os slogans associados à rede Unir, “**única nos equipamentos, única nos horários e única na conveniência**”, projetavam uma “**frota de autocarros renovada, mais veículos em circulação, tempos de espera mais curtos e área de cobertura alargada**”.



A luz ao fundo do túnel para milhares de passageiros utilizadores de transportes públicos apagou-se rapidamente. Para a Unir, o prometido não é devido! E as queixas que acompanharam o arranque do novo serviço aumentaram ao longo do ano, sempre no gerúndio e de forma inversamente proporcional às promessas.

Vila Nova de Gaia é um bom exemplo da desilusão dos passageiros. Face à sucessão das queixas e reclamações, O Cidadão regressou àquele passeio frente à estação do metro D. João II, onde se amontoava, de forma indigna e selvagem, uma multidão de passageiros à espera de um autocarro que tardava em chegar ou, pior ainda, não chegava. Tal e qual o comboio espanhol: "*iLlega cuando llega, si llega!*" O leitor recorda-se, certamente!

Um ano volvido, nada melhorou. Os idosos e as pessoas com mobilidade reduzida ou condicionada continuam de pé, sem ter onde se sentar ou, então, os que conseguem, sentam-se nas soleiras das entradas dos prédios e das montras ali instaladas; as crianças agarradas pela mão dos adultos, face ao perigo de estarem a uma tangente de uma avenida com tráfego permanente; os autocarros acumulam-se uns atrás dos outros a obstruir o tráfego e a alargar o caos à mobilidade no centro do concelho.



Falta de abrigos, de postuletes com números das linhas, de horários, de um sinal informativo de que se está numa paragem de autocarro. E as pessoas continuam de pé a ocupar totalmente um passeio, desviando os peões para a rua.

“É uma tristeza isto da Unir. Veio mas é desunir tudo e todos! É uma confusão, nunca vem a camioneta a horas e chego sempre atrasada ao trabalho. O meu patrão já olha para mim de lado!”, afirma Fátima Costa, utilizadora do autocarro com destino a Espinho. A sua amiga, Maria Clara, reforça: ***“Não se aguenta tanta incompetência, tantas falhas...é demais!”***.

A propalada mudança para melhor surpreendeu para negativa: ***“Mudamos para pior, muito pior. Há menos camionetas, os horários não são certos, não são cumpridos... É uma bandalheira nunca vista!”***, realça António Teixeira Morais, utente diário de transporte público para Perosinho, uma freguesia do interior do concelho.

A prometida frota ***“renovada”*** e ***“reforçada de autocarros tendencialmente amigos do ambiente”*** ficou pelo caminho. As camionetas são usadas, decrépitas, caducas, vindas sabe-se lá de onde, e algumas exibiam até há pouco tempo mensagens em sueco, tipo *Ej i trafik*. Os autocarros ***“não têm o mínimo de condições”***, aponta Álvaro Soares, elencando as ***“campainhas que não tocam, portas que não abrem nem fecham, assentos que que andam de um lado para outro”***...

A mediocridade é extensível ao desempenho dos motoristas. Recrutados entre imigrantes de diferentes proveniências, não

raro desconhecem os percursos, os horários e, sobretudo, a língua. Não é difícil perceber a falta de formação para exercer as suas funções. Mas é difícil a informação e a comunicação. Este constrangimento atinge, por vezes, dimensões indesejáveis: **“A gente pergunta ao motorista para onde vai a camioneta, porque não há nada a informar, e ele não sabe ou não responde. Nunca vi semelhante, mas ele não tem culpa, coitado!”**, realça Silvina Machado, utente do autocarro com destino a Canedo.

Face ao número de queixas e reclamações contra a nova rede de transportes públicos, a Autoridade da Mobilidade e dos Transportes (AMT) recomendou à Área Metropolitana do Porto (AMP) que retire **“as devidas ilações”** acerca das queixas dos passageiros da Unir, afirmando que, num ano, não recebeu qualquer denúncia vinda da entidade metropolitana.

O regulador económico do setor disse, em resposta a questões da Lusa, que **“elabora regularmente relatórios tendo por base as reclamações registadas”** e **“tem acompanhado a operação da Unir”** através das queixas dos passageiros, referindo que, apesar do relatório deste ano ainda não estar concluído, **“no primeiro semestre de 2024 foram registadas 71 reclamações”** na AMP.

“Espera-se que, com base nessa informação a AMP, possa retirar as devidas ilações no que se refere ao cumprimento ou incumprimento contratual e lançar mão dos mecanismos ao seu dispor para os corrigir”, avisa a Autoridade.

Refira-se, a propósito, que o presidente do Conselho Metropolitano do Porto e da Câmara de Gaia, Eduardo Vítor Rodrigues, afirmou, na passada sexta-feira, em declarações aos jornalistas, que, se não houve **“uma melhoria mais acentuada”**, tal deveu-se às impugnações em tribunal ao concurso da Unir por parte dos anteriores operadores, que fizeram as novas empresas falhar o prazo de **“dois concursos públicos de financiamento a fundo perdido para autocarros novos”**.

Maria Paulo (texto e fotos)